



A Castro

António Ferreira

Agrupamento de Escolas Leal da Câmara

Título: A Castro

Autor: António Ferreira

Edição: Agrupamento de Escolas Leal da Câmara

Revisão, diagramação e paginação: Carlos Pinheiro

Ano da edição original: 1920

1.ª edição: novembro de 2020

Capa: A Coroação de Inês de Castro em 1361 (c. 1849), por Pierre-Charles Comte.

Coleção: Clássicos da Literatura

A partir da adaptação de Júlio Dantas, de 1920.

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Este trabalho foi licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-CompartilhaIgual

CC BY-SA.

Índice

Introdução de Júlio Dantas	4
FIGURAS	6
PRIMEIRO ATO	7
CENA I	8
CENA II	15
CENA III	17
CENA IV	22
SEGUNDO ATO	23
CENA I	24
CENA II	26
CENA III	35
CENA IV	37
TERCEIRO ATO	38
CENA I	39
CENA II	42
CENA III	47
CENA IV	52
QUARTO ATO	61
CENA I	62
CENA II	65

Introdução de Júlio Dantas

A *Castro*, primeira tragédia regular da literatura portuguesa, escrita em 1557 pelo doutor António Ferreira, impressa em 1587, e representada antes desta data em Coimbra, é a dramatização de um assunto medieval— os amores de D. Pedro e Dona Inês —feita segundo o cânon da tragédia grega, em cinco curtos episódios separados por estásimos corais, e adotando, pela primeira vez em Portugal, o decassílabo branco italiano usado por Giangiorgio Trissino na *Sophonisba*. Durante mais de três séculos, este monumento do nosso teatro arcaico não se representou, servindo apenas, como «tous ces longs cadavres vénérables qui encombrant les litteratures» —na frase de Romain Rolland — para o estudo paciente dos filólogos.

Coube-me agora a honra de reanimar a obra-prima de António Ferreira, restituindo-a, palpitante de vida, ao teatro português, e fazendo-a aplaudir, ao fim de trezentos e trinta e três anos de esquecimento, não apenas com o frio respeito protocolar com que é de uso acolher estas gloriosas múmias clássicas, mas com aquela comoção profunda e aquele entusiasmo vibrante que na alma das multidões só despertam as grandes obras de teatro, dominadoras e eternas. Com efeito, a *Castro* subiu à cena na noite de 5 de agosto de 1920, no Teatro Nacional Almeida Garrett, constituindo, na interpretação admirável de Amélia Rey Colaço, um verdadeiro acontecimento. Tratava-se duma obra reconhecidamente insuscetível de se representar no texto integral, a não ser a título de divertimento erudito, como se usa nas universidades inglesas: foi necessário, portanto, a fim de tornar possível a sua realização cénica e de assegurar a sua viabilidade perante as exigências do público moderno, introduzir modificações profundas quer na sua estrutura, quer na sua dinâmica, quer na sua expressão, à semelhança do que Echegaray, Benavente e outros praticaram na vizinha Espanha, em recentes tentativas de rejuvenescimento do teatro de Lope de Vega, de Calderon de la Barca, de Tirso de Molina, de Guevara, e de Moreto.

Esta adaptação da *Castro*, que agora se dá à estampa depois de aceita, sancionada e legitimada pelo aplauso público, difere, pois, sensivelmente, do texto original de António Ferreira: criaram-se nela

personagens novas; reuniram-se, num ato único, o 3.º e 4.º episódios; atenuou-se a parte do coro, fazendo-se cantar apenas a paródos, e distribuindo-se os estásimos por corifeus integrados na ação; procurou-se obter o máximo de movimento compatível com a dignidade hierática da tragédia, e o máximo de lógica e de clareza na dedução dos seus elementos dramáticos; modificaram-se, eliminaram-se, substituíram-se e acrescentaram-se versos, sempre que isso foi conveniente para maior limpidez da expressão e melhor compreensão das situações; retocou-se, enfim, a tragédia, como se fosse a velha pintura em tábuas dum primitivo do século XVI, de forma a fazê-la sentir e admirar pela multidão; numa palavra, – duma tragédia morta fez-se uma tragédia viva. Que a sombra patriarcal do Mestre me perdoe, se pus na sua obra mãos irreverentes. Mas eu entendo, em minha consciência, que prestei à memória de António Ferreira a maior homenagem que podia prestar-lhe, arrancando a Castro à poeira das bibliotecas, onde só a conheciam os ratos e os filólogos, para, ao fim de três longos séculos, a atirar, em pleno esplendor e em plena glória, para a luz ofuscante do teatro.

JÚLIO DANTAS

FIGURAS

Inês de Castro	AMÉLIA REY COLAÇO
A Ama	LUCINDA DO CARMO
Uma donzela de Inês	OFÉLIA BROCHADO
Uma mulher	ADELAIDE SOARES
Afonso IV	ROBLES MONTEIRO
Infante D. Pedro	CLEMENTE PINTO
O aio	AUGUSTO DE MELO
Um velho	EDUARDO RAPOSO
O mensageiro	EDUARDO FREITAS
Diogo Lopes Pacheco	SEIXAS PEREIRA
Pêro Coelho	JOSÉ CARDOSO
Álvaro Gonçalves	BOTELHO DO AMARAL

Coro de donzelas de Inês. Bispos, ricos-homens, abades-bentos, monteiros, falcoeiros, homens de armas, escudeiros, trombeteiros, carrascos, povo, os três filhos de Inês (Infantes D. Beatriz, D. João e D. Dinis).

Primeiro ato: em Coimbra, na quinta das Lágrimas.

Segundo ato: no paço real de Montemor.

Terceiro ato: no paço de Santa-Clara, em Coimbra.

Quarto ato: numa estalagem da Beira.

SÉCULO XIV

PRIMEIRO ATO

ATO I

A cena passa-se na Quinta-do-Pombal, perto dos paços de Santa-Clara, em Coimbra. Na névoa doirada da manhã adivinham-se os gigantes do convento de claristas que Santa Isabel fundou. Junto da fonte-dos-Amores, que sussurra no silêncio e na sombra, uma grande cadeira gótica repousa sobre um tapete mourisco. É nessa cadeira que está INÊS, ao levantar do pano, tendo, assentado aos pés numa almofada de brocado, um escudeiro moço, quási uma criança, que toca alaúde. As donzelas e cuvilheiras da «Colo de Garça» colhem flores e riem, ao F., entre o arvoredor. São elas que constituem o coro da tragédia. – Música de cena. – Manhã.

CENA I

INÊS, A AMA, DONZELAS DO CORO

INÊS

Colhei, colhei alegres,
Donzelas minhas, mil cheirosas flores!
Tecei frescas capelas
De lírios e de rosas. Coroai todas
As doiradas cabeças!

Respirem suaves cheiros
De que se encha o ar todo.
Soem doces tangeres, doces cantos.
Honrai o claro dia,
Meu dia tão ditoso!

AMA, aproximando-se de INÊS, com ternura

Que novas festas, novos cantos pedes?

INÊS, com as lágrimas nos olhos

Ama! Na criação, ama; no amor, mãe!
Como eu me sinto alegre!

AMA

Novos extremos vejo:
Nas palavras, prazer; água nos olhos!
Quem te fez, a um tempo, leda e triste?

INÊS

Triste não pode estar quem vêis contente.

AMA

Mistura às vezes a fortuna, tudo.

INÊS

Riso, prazer, brandura na alma tenho!

AMA, enxugando-lhe os olhos

Lágrimas são sinais de má fortuna.

INÊS

São da boa fortuna companheiras.

AMA

Que força de prazer tas traz aos olhos?

INÊS

Vejo o meu bem seguro, que receava.

AMA

Porque me tens suspensa?
Abre-me já, senhora, essa alma tua.
O mal, abranda; o bem, contando-o, cresce.

INÊS, erguendo-se

Ó ama! Amanheceu-me um claro dia!

*Enquanto INÊS desce, com a AMA, o escudeiro do
alaúde, que lhe tem beijado a mão, sobe para junto das*

*donzelas, assenta-se ao F., num banco de pedra, e
continua tocando. A música acompanha a fala de INÊS:*

Falei ao meu senhor, Infante Pedro!
Meu doce amor, minha esperança e honra!
Sabes como em saindo dos teus braços,
Ama, na viva flor da minha idade,
(Ou fosse fado meu, ou estrela minha!)
Com os olhos lhe acendi no peito o fogo,
Fogo que sempre ardeu, e inda arde agora
Na primeira viveza, inteiro e puro.
Mas o espírito inquieto com os clamores
Do povo, e os rogos graves, que trabalham
Apartar este amor, quebrar-lhe a força,
Me traziam mudada, receando
A volta da fortuna, porque sempre
Um grande bem, um maior mal promete.
Lograva como a medo os meus amores;
Criava o grande amor, desconfiança;
E agora, já confio, nada temo.
Falei a meu senhor.

AMA

Que lhe disseste?
E ele, que te falou?

INÊS

Tomei os filhos
Com lágrimas nos olhos, rosto branco,
E em choro solto, comecei: «Senhor!
Soam-me as cruéis vozes deste povo,

Vejo d'el-Rei a força e império grave
Armados contra mim, contra a constância
Que em meu amor, té agora, tens mostrado!
Não receio, senhor, que a fé tão firme
Queiras quebrar a quem tua alma deste;
Mas receio a fortuna, que mais possa
Com seu furor, que tu com teu carinho!
Por estas minhas lágrimas; por esta
Tua mão que em sinal de fé me deste;
Pelos doces amores, doce fruto
Que dele tens diante, te suplico
Me segures, me guardes, me conserves
Contra os duros mandados de teu pai,
Contra importunas vozes dos que podem
Mudar acaso o teu constante peito!
Ou quando a minha estrela e cruel génio
Te puder arrancar desta alma minha,
Com teu amado braço envolto em sangue
Ma arranques deste corpo, ó meu Infante,
E eu tomarei por doce a minha morte!»

AMA, chorando

Moveste-me a alma e os olhos...

INÊS

Assim disse,
Ama.

AMA

E ele?

INÊS

E ele, então, lançando os braços
Estreitamente em mim, em vão trabalha,
Mudado todo, de encobrir a mágoa
De meu temor e lágrimas: «E pode,
Ó Dona Inês – me diz – pode teu peito
Conceber tal receio? Aquele dia
Primeiro que te vi, não mostrou logo
Que esta minha alma é tua até à morte?
Por ti me é doce a vida; por ti espero
Acrescentar impérios; sem ti, o mundo
Era um duro deserto para mim!
Na tua mão te ponho, firme e fixa,
Minha alma. Por Infanta te nomeio,
Do meu amor senhora. E no alto estado
Que me espera, só tu serás rainha!»
– Assim falou o meu senhor.

AMA, com júbilo

Rainha!

INÊS, em êxtase

Rainha!

AMA

Entendo agora as tuas lágrimas,
Filha. Também eu choro. Tão contrária
Nos é sempre a alegria, que inda toma
Lágrimas emprestadas à tristeza!

INÊS

Rege tu, ó minha ama, este meu peito.
O súbito prazer engana e erra!
Que farei eu?

AMA

Encobre o teu segredo.

INÊS

Guardo-o em minha alma...

CENA II

OS MESMOS, INFANTE, AIO

INFANTE, aparecendo ao F., com o AIO

Inês!

INÊS, apaixonadamente, indo cair-lhe nos braços

Ó meu Infante!

*CORO, cantando, ao F., quási num murmúrio, enquanto D.
PEDRO aperta INÊS de encontro ao peito*

Já quando Amor nasceu,
Nasceu ao mundo vida,
Claros raios ao sol, luz às estrelas.
O céu resplandeceu,
E, de sua luz vencida,
A escuridão mostrou as coisas belas.

Por amor se orna a terra
D'águas e de verdura!
Às árvores dá folhas; cor às flores.
Em doce paz a guerra,
A dureza em brandura
E mil ódios converte em mil amores.

Amor em doces cantos,

Em doces liras soe,
Torne seu brando nome mais sereno:
Fujam mágoas e prantos,
O ledor prazer voe,
E claro o rio faça e o vale ameno!

INFANTE, desprendendo-a dos braços

Vai, Inês!

INÊS, *olhando-o, encantada*

Meu Infante!

INFANTE

Vive leda!
Vive segura! Que me importa a morte?
Antes morrer do que viver sem ti!

INÊS, *subindo, e atirando-lhe beijos, num enlevo*

Meu senhor, meu Infante, minha vida!

Sai pelo F., com as donzelas, que repetem o coro e desaparecem nas sombras do arvoredor.

CENA III

O INFANTE, o AIO

INFANTE

Deus, Senhor poderoso, pai do mundo,
A cujo aceno treme a redondeza,
A cujo querer, nada é impossível!
Fortalece o meu peito; arma-me todo
De paciência igual à dura afronta!
Sossega os alvoroços deste povo,
A fúria de meu pai, que em vão trabalha
Arrancar-me minha alma donde vive!
Sou humano, Senhor. Tentações grandes
Vencem ânimos fortes. Minha Inês!
Ferve o sangue, arde o peito, cresce-me a ira
Contra quem me persegue. Tu me amansa!
Tu me aclara e me guia!

Ao velho AIO, que o escuta:

Dize, amigo.
Arrancam-me as entranhas. Que me querem?
Essa gente que quer, que assim me mata?

AIO

Querem-te só. Procuram tua honra.

INFANTE

Procuram apartar-me donde vivo!

AIO

Se te visses, senhor, ver-te-ias morto,
Ver-te-ias cego.

INFANTE

Tu? Porque assim me falas,

AIO

Meu senhor, porque vos amo e sirvo.

INFANTE

Também tu me persegues?

AIO, com doçura

Aconselho-te;
Guio a tua alma, meu senhor Infante.
Que coisa mais destrói o rei e o reino?
Que coisa cria mor desprezo e ódio
Que vê-lo sujeitar-se a coisas baixas?
Que vê-lo ser mandado de seus vícios?
Com que rosto, senhor, darás castigo
Aos que cometam o que tu cometes?
Como conservarás a obediência

Santa devida aos pais, pois tu a negas
Aos teus, no que te pedem justamente?
Memória deixarás de mau exemplo
A teus filhos; darás licença larga
A reis que isto souberem, – e ao mundo, causa
De escurecer teu nome para sempre.
Todos sobre ti caem. Senhor, vê-te!
Conhece-te melhor. Entra em ti mesmo.
Verás então porque é que te importunam,
O que o teu rei te pede, e o teu povo!

INFANTE

Não. Eu não sou o que me julgam todos;
Nem é tamanho o mal, como o tu vês.
Que entendes tu dum coração de príncipe?
Julgas que amar é um crime? Tu, vós todos,
Olhai essa mulher. Vede o que há nela!
Dum sangue nos formou a natureza:
Real é; vem de reis; de reis é digna.
Fosse eu monarca de mil mundos, rei
Da terra inteira, iria pôr-lha aos pés.
Parece-me pequena essa coroa
Para a sua cabeça! – Não, amigo.
Deixe o rei, deixe o povo de cansar-me.
A ninguém obedeço; a ninguém ouço.
Arranquem-me a Vontade deste peito;
Arranquem-me do peito esta minh'alma!
Melhor o acabarão, do que apartarem-me
Donde estou, donde vivo: que primeiro
A terra subirá onde os céus andam,
O mar abrasará os céus e a terra,

O fogo será frio, o sol escuro, –
Que eu te deixe na vida, ó minha Inês!

AIO

Amor em ti só reina, amor só manda,
Peçonha doce d'alma, de honra e vida!
Mas porque não te movem tantos choros
Da Rainha, tua mãe? E tantos rogos
D'el-Rei teu pai? E os meus, que te suplico
Aparta-te de Inês!

INFANTE, *violento*

Basta!

AIO, *numa súplica*

Deus!

INFANTE

Basta!

Não te pedi conselho! Vai!

AIO, *exortando-o*

Infante!

INFANTE, *crescendo, numa ameaça*

Vai-te diante de mim! Vai, que me cegas!

O AIO sai, tristemente. – O INFANTE, abatido, cai sobre a cadeira gótica, junto à fonte:

Ó perseguição grande! Ó ódio estranho!
Homens de entranhas feras e danadas!
Que me quereis? Que sem razão vos faço
Em ter igual amor a quem mo tem?
A quem tudo merece, e inda é pequeno!
Homens, que procurais a minha morte
E o meu sangue, – ah, quanto vós daríeis
Por saberdes odiar e amar como eu!

CENA IV

INFANTE, INÊS, coro

INÊS, entrando pelo F., aproximando-se do INFANTE que medita, olhando-o num vago receio tímido, e tomando-lhe a mão

Em que pensavas, meu senhor?

INFANTE, mudando a sua expressão bárbara num sorriso de ternura

Em ti.

Beijam-se. Ouvem-se os sinos do convento de Santa Clara. O sol inunda a cena. As donzelas de INÊS, invisíveis, cantam ao longe. – pano cai.

SEGUNDO ATO

ATO II

Nos Paços de Montemor. Uma larga sala abobadada. Arcada ogival praticável, ao fundo. A direita, oratório. O REI dá beija-mão. Passam os Bispos, os Abades-bentos, os ricos-homens, o povo. Junto de AFONSO IV estão os seus conselheiros privados: DIOGO LOPES PACHECO, ÁLVARO GONÇALVES, PÊRO COELHO. A extrema direita da cena, entre o povo, um VELHO, corifeu do coro trágico. As figuras vão passando, beijam a mão do rei, e saem pela arcada do F. – Música de cena. – Dia claro.

CENA I

REI, PACHECO, COELHO, GONÇALVES, um VELHO

O VELHO, como se falasse para si próprio, olhando o REI

Quanto mais livre, quanto mais seguro
É aquele estado que, de si contente,
Permite que se viva numa honesta
 Mediania!

Tristes pobreza, ninguém as deseje;
Cegas riquezas, ninguém as procure:
Num meio honesto está a felicidade
 Dos céus e terra.

Reis poderosos, príncipes, monarcas,
Sobre nós ponde vossos pés, pisais-nos:
Mas sobre vós está sempre a fortuna;
 Nós, livres dela.

Nos altos muros soam mais os ventos;
As mais crescidas árvores derribam;
A mais inchada vela, o mar a rompe;
As torres caem.

Pompas e Ventos, títulos famosos,
Não dão descanso nem mais doce sono;
Antes mais cansam, antes mais destroem,
Antes mais matam.

Como se volvem pelo mar as ondas,
Assim se volvem esses peitos cheios:
E nunca fartos, nunca satisfeitos,
Nunca seguros.

Quem mais deseja, muitas vezes se acha
Triste e enganado: poucas vezes dorme,
Temendo o fogo, o vento, o ar, as sombras;
Temendo os homens.

Rei poderoso, tu porque desejas
Nunca ter reino? Porque essa coroa
Chamas pesada? Pelo peso d'alma
Que te assoberba.

Tristes pobreza, ninguém as deseje;
Cegas riquezas, ninguém as procure...

*Todos passaram. OVELHO atravessa a cena, trémulo,
envolvido na sua loba negra, beija a mão ao REI, e sai. É
o último. A música cessa.*

CENA II

OS MESMOS, menos o VELHO

REI, erguendo-se, descendo do estrado, e pondo o cetro de oiro sobre uma almofada de veludo vermelho que um escudeiro moço lhe apresenta

Ó cetro rico! A quem te não conhece,
Como és formoso e belo! E quem soubesse
Quão diferente és do que prometes,
Neste chão que te achasse, quereria
Pisar-te antes aos pés, que levantar-te.
Não louvo os que se louvam por impérios,
A ferro, a sangue, a fogo; mas aqueles
(Ó grandeza espantosa e ânimo leve!)
Que, tendo-os muito grandes, os deixaram.

A DIOGO LOPES PACHECO, enquanto tira da cabeça, a coroa e a coloca sobre almofada:

O resplendor deste oiro nos engana:
É terra só, e terra a mais pesada.

PACHECO

Trabalho, mais que estado, têm os reis,
Os bons reis, que não amam os seus vícios
Como as obrigações de se mostrarem
Contra si mais isentos e mais fortes.
Um tal rei como tu, senhor, é rei.

Não te pese de o ser, que virá tempo
Que te hajam mais inveja a esses trabalhos
Sofridos com paciência e bem regidos,
Que a vitórias famosas com grã perda
De homens e de riquezas mal ganhadas.
Isso faz os reis grandes, dignos sempre
De memória imortal: sofrer trabalhos
Pelo bem público; quebrar a força
Do sangue e o próprio amor; atalhar males,
Antes que eles se tornem sem remédio.
Ser duro, mas ser justo: isso é ser rei.

REI, indo assentar-se num escabelo, a meio da cena

Antes eu o não fora! Ver o Infante
Meu filho rebelado contra mim,
Duro a meus rogos, duro a meus mandados!
Que estrela foi aquela, tão funesta?

COELHO

Uma mulher, senhor, que tudo pode.

PACHECO

Uma mulher, que é a perdição do reino.

REI, a ÁLVARO GONÇALVES, que fica na sombra, de braços cruzados

Que me aconselhas tu?

GONÇALVES

Senhor, justiça!

REI

Duro remédio. Quanto melhor fora
Amor e obediência! Meus pecados,
Quão gravemente sobre mim caíram!

COELHO

Mandai matar Inês...

GONÇALVES, *concluindo*

E tudo é feito.

REI

Matar Inês?

PACHECO

É a salvação do povo.

REI

Matar quem não tem culpa?

COELHO

Pode um rei
Mandar matar sem culpa, mas com causa.

REI

Que lei há que a condene, ou que justiça?

PACHECO

O bem comum, senhor.

REI

Que crime é o dela?

PACHECO

Vive. A sua morte é a segurança e a paz.

REI, depois dum silêncio, olhando-os

É o conselho que me dais?

PACHECO

A morte.

COELHO, a quem o REI olha

A morte.

REI, a ÁLVARO GONÇALVES

Tu, também, amigo?

GONÇALVES

A morte.

REI

Matar uma inocente?

COELHO

Que nos perde.

REI

Não achais outro meio?

PACHECO

Não o temos.

REI

Metê-la num mosteiro!

PACHECO

Queimá-lo-ão.

REI

Lançá-la deste reino!

COELHO

O amor voa.

PACHECO

Este fogo, senhor, não morre logo.
Quanto mais lhe resistes, mais se acende.
Contra amor, que lugar darás seguro?

REI

Matá-la, não, que é rigoroso e iníquo.

COELHO

Não vês, não ouves, quantas vezes morrem
Muitos que o não merecem?

GONÇALVES, *sombrio*

Deus o quer!

REI, erguendo-se

Se Deus o quer, amigos, Deus o faça,
Cuja vontade é lei, e a minha não.

PACHECO

Os reis, senhor, são como Deus na terra.
Pois que dirás daqueles que a seus próprios
Filhos e a seu amor não perdoaram
Por exemplo comum, e bem do povo?

REI

Aos que bem o fizeram, tenho inveja;
Os outros, nem os louvo, nem os sigo.

COELHO

O bem geral, quer Deus que mais se estime
Que o bem particular.

REI

Antes Deus quer
Que se perdoe a um mau, que um bom padeça.

Terminante:

Não mato uma inocente.

PACHECO

Não és justo!
Vês, poderoso rei, vês com os teus olhos
A peçonha cruel, que vai lavrando
Gerada deste amor cego; vês quanto
A soberba, o desprezo destes homens
Contra ti, contra todos Vai crescendo:

Se em tua vida nos tememos tanto,
Que faremos depois da tua morte?
Por dar saúde ao corpo, qualquer membro
Que apodrece se corta, e pelo são,
Porque o são não corrompa. Este teu corpo,
De que tu és cabeça, está em perigo
Por esta mulher só: corta-lhe a vida,
Atalha esta peçonha, tê-lo-ás salvo.
És médico, senhor, desta república.
O poder que tem o médico num corpo
Tens tu sobre nós todos: usa dele.
Se te parece, em parte, isto crueza,
Não é crueza aquela, mas justiça,
Quando de cruel ânimo não nasce.
A clemência por certo é uma virtude
Nos grandes reis; mas a fraqueza, não.
Já mostraste que sabes ser clemente;
Mostra agora, senhor, que és justiceiro!

REI, que o tem ouvido, reflexivo e hesitante

A parte que me cabe neste feito
Eu a ponho em vós toda, como aqueles
A quem cabe o dever de aconselhar-me,
Sem ódio nem temor, o que é mais justo
No serviço de Deus e bem do povo.
Vós outros sois meus olhos, que eu não vejo;
Sois vós os meus ouvidos, que eu não oiço.
Se eu me enganar, amigos, que a injustiça
Sobre a vossa cabeça caia inteira!

GONÇALVES

Assim seja, senhor!

REI

Pois que assim seja.

COELHO

Almas e honras temos: estas ambas,
A ti, senhor, se devem; a ti as damos.
Se é mau nosso conselho, o mal é nosso.
Aventuramos vidas e fazendas
Que ao ódio do teu filho ficam sempre;
Mas percamo-nos nós, percamos vidas,
Soframos cruéis mortes, nossos filhos
Fiquem órfãos de pai e deserdados,
A cólera do Infante nos persiga, –
Antes isto, senhor, do que faltarmos
A aconselhar-te com nobreza e honra.

REI

Ide armar-vos. Espero-vos aqui.

PACHECO, *saindo com* GONÇALVES e COELHO

Os juízos dos reis, Deus os inspira!

CENA III

O REI, só

REI, voltando-se para o oratório, numa atitude dolorosa de angústia e de súplica

Senhor, que estás nos céus e vês as almas
Que cuidam, que propõem, que determinam!
Alumia minh'alma, não se cegue
No perigo e nas trevas em que está.
Entre medo e conselho vivo agora.
Matar injustamente é uma crueza;
Socorrer um mal público, é piedade.
Duma parte receio, doutra tremo.
Ó filho meu, que queres destruir-me!
Tem dó desta velhice tão cansada;
Muda essa pertinácia em bom conselho;
Não dês razões, filho, para que eu fique
Julgado mal na terra e condenado
Ante o grande juiz que está nos céus.
Oh! Vida felicíssima, que vive
O pobre lavrador só no seu campo,
Seguro da fortuna e descansado!
Ninguém menos é rei, que quem tem reino!
A realeza, Senhor, é um cativo;
E' a servidão na púrpura; é o inferno
Na alma! – Temo o filho; temo os homens.
Dissimulo com uns; suspeito de outros;
Tremo das sombras; fujo de mim mesmo;
E entre um filho rebelde e um povo irado,
Sofro, e suspiro, e gemo, e dissimulo!

*Caindo, prostrado, sobre o escabelo, como
um grande farrapo doloroso:*

Senhor, que és rei dos reis, Deus poderoso,
Tem piedade da minha realeza!
Tem piedade de mim!

CENA IV

OS MESMOS, PACHECO, COELHO, GONÇALVES

Os três conselheiros entram pelo F., armados de cotas e loudéis, com espadas e misericórdias ao pescoço.

PACHECO

Meu Senhor!

REI, erguendo-se, recobrando a sua majestade perdida, e atirando, num repelão, o capuz sobre a cabeça

Vamos!

Ouve-se, muito ao longe, o coro das moças de Coimbra à morte de INÊS. – O pano cai.

TERCEIRO ATO

ATO III

Uma câmara nos Paços de Santa-Clara. Todo o carácter dum interior solarengo do século XIV. Ao F., janela ampla, geminada, aberta sobre o Mondego: vê-se, na outra margem, a alcáçova de Coimbra com os seus coruchéus. À D. alta, porta. A E. da cena abre para uma alcova de segunda luz, separada do recinto onde a ação se passa por uma larga tapeçaria mudéjar pendente duma viga de castanho que atravessa o teto. Quando se levanta o pano, a tapeçaria está corrida a um dos lados, de modo a ver-se o interior da alcova, com o leito de INÊS, os berços dos pequenos Infantes, uma enorme lâmpada de prata que cintila na penumbra. O mobiliário sóbrio do século: arcas; escanos pesados de castanho lavrado; velhas uchas, sobre uma das quais se veem as tábuas pintadas dum oratório flamengo. Tochas em argolões de ferro chumbados às paredes. – Manhã clara.

CENA I

INÊS e os TRÊS FILHOS

INÊS está junto da janela do F., olhando o rio. Muito aconchegada a ela, uma das crianças; outra, brincando na alcova; a terceira, junto duma arca. São os pequeninos Infantes D. João, D. Dinis e D. Beatriz.

INÊS

Nunca mais tarde para mim, que agora

Amanheceu. Ó sol claro e formoso!
Como alegras os olhos que esta noite
Cuidaram não te ver! Ó noite triste!
Ó noite escura, que comprida foste!
Como cansaste esta alma em sombras vãs!
Em medos me trouxeste tais, que cria
Que ali se me acabava o meu amor,
Ali a saudade da minha alma,
Que me ficava cá...

Desce; os filhos rodeiam-na; abraça-os:

E vós, meus filhos,
Meus filhos tão formosos, em que vejo
Aquele rosto e olhos do pai vosso,
De mim ficáveis cá desamparados...
Ó sonho triste, que assim me assombraste!
Tremo inda agora. Tremo! Deus afaste
De nós tão triste agouro; Deus o mude
Em destino melhor e em melhor dia.
Crescereis vós primeiro, filhos meus,
Que chorais de me ver estar chorando,
Meus filhos tão pequenos! Ai, meus filhos!
Quem em vida vos ama e teme tanto,
Na morte, que fará?

Enxugando as lagrimas, num sorriso de esperança:

Mas vivereis,
Crescereis vós primeiro. Que veja eu
Que pisais este campo, em que nascestes,
Em formosos ginetes arraiados
Quais Vosso pai vos guarda, com que o rio

Passeis a nado a ver esta mãe vossa,
Com que canseis as feras, e os inimigos
Vos temam de tão longe, que não ousem
Nomear-vos somente...

*De novo, soluçando e caindo sobre uma arca, abraçada
às crianças:*

Ai, filhos, filhos!

CENA II

OS MESMOS, a AMA

AMA, entrando pela D., com uma grande infuza de prata sobre o quadril, e dirigindo-se para a alcova

Que choros e que gritos, senhora, eram
Os que te ouvi esta noite?

Uma das crianças acompanha a AMA.

INÊS

Ó minha ama!
Vi a morte esta noite, crua e fera!

AMA, voltando, depois de ter feito desprender a tapeçaria árabe, que cai pesadamente, velando a alcova de INÊS

Entre sonhos te ouvi chorar tão alto
Que, de medo e de espanto, fiquei fria.

INÊS, à AMA, que se lhe assenta aos pés, num almadrague, enquanto as crianças sobem até à janela

Inda agora a minha alma se entristece
Assombrada dos medos em que estive!
Cansada de cuidar na saudade
Que sempre leva e deixa aqui o Infante,

Adormeci tão triste, que a tristeza
Me fez tornar o sono mais pesado
Do que nunca me lembra que tivesse.
Então, sonhei que estando eu só num bosque
Escuro e triste, duma sombra negra
Coberto todo, ouvia ao longe uns brados
De feras espantosas, cujo medo
Me arrepiava toda, e me prendia
A língua e os pés. E eu, ama, quási morta,
Abraçava os meus filhos, a tremer...
Nisto, um leão bravo alevantou-se, irado;
Rugiu ao meu encontro; e logo, manso,
Para trás se tornou. Mas, em fugindo,
Logo vieram três lobos, não sei donde,
Remeteram a mim, com suas unhas,
E os peitos me rasgaram. Eu erguia
Vozes aos céus, chamava o meu senhor.
Ele ouvia, e tardava... E eu morria
Com tanta saudade dos meus filhos
E dele, – que parece que inda a sinto.

Abraça-se à AMA, chorando.

AMA

A Virgem mãe te guarde! – Do cuidado
Com que, senhora, andaste e adormeceste,
Se te representaram esses medos.
Não chores...

INÊS

Choro a mágoa, choro a dor

Que ao Infante daria a minha morte.

AMA

Outro dia virá, que te amanheça
Mais claro e mais ditoso: em que a coroa
Que te espera terás sobre esses teus
Cabelos de ouro; em que serás rainha....
Deixa vãs sombras, deixa vãos receios.
Temer de longe o mal, é mal dobrado.

INÊS

Como há de ser alegre quem tem culpas?
Julgam-me mal os homens, e a Deus temo.

AMA

Para que Deus perdoe as nossas culpas,
Basta, senhora, a consciência delas.
Se pecado houve já, já está purgado
Com esse ânimo firme com que o amor
Uniu as vossas almas, santamente.
A quem muito ama, sempre Deus perdoa.
E nunca uma mulher foi mais amada
Na terra, do que tu.

INÊS, ouvindo rumor e correndo à janela do F.

É o meu Infante?

AMA

São as tuas donzelas, que aí vêm.

INÊS, retirando-se da janela, triste

Nunca o tanto os meus olhos desejaram!
Nunca o meu pensamento o imaginou
De mim tão esquecido. Deus o guarde!
Deus te guarde, senhor, que me parece
Que algum mal te detém, algum mal grande!
Arranca-se a minha alma de mim mesma,
Parece que quer voar para os teus braços,
Que sente que me foges, que me deixas!
Por que me tardas tanto, vida minha?

AMA

Danas esse teu rosto tão formoso,
Filha, com tantas lágrimas. Não chores.

*Aproxima-se da janela do F., enquanto INÊS, abraçada
aos filhos, chora.*

Olha as águas do rio, como correm
Para onde está saudoso o teu Infante...
De lá te vê, senhora; elas lhe lembram
Este aposento seu e da sua alma,
Este campo formoso, este ar doirado,
Estes filhos, senhora, que são filhos
Do amor maior que a terra viu ainda...

Às crianças:

Vossa mãe chora, filhos da minha alma.
Ide enxugar-lhe os olhos, de mansinho....

CENA III

OS MESMOS, DONZELAS DO CORO

1.ª DONZELA, *corifeu do coro, entrando precipitadamente com as outras, pela D.*

Ah! Senhora! Senhora! Tristes novas,
Novas cruéis te trago, Dona Inês!

INÊS, *num grito, amparando-se à AMA*

Minha ama!

AMA, *às donzelas*

Que dizeis, vós outras?

INÊS, *à 1.ª DONZELA*

Fala!

1.ª DONZELA, *chorando*

Ai, coitada de ti! Ai, triste, triste!

INÊS, *às donzelas*

Que mal tamanho é esse que me trazes?
Amigas que chorais?

1.ª DONZELA

A tua morte.

INÊS, *num grito*

É morto o meu senhor, o meu Infante?
Matam-me o meu amor? Porque mo matam?

1.ª DONZELA

É a ti, que eles procuram!

AMA, *transida*

Deus do céu!

1.ª DONZELA

Querem matar-te. Foge! Gente armada
Vem correndo, senhora, em tua busca.
É o Rei, que quer cevar o seu furor
No sangue da inocência! Foge! Salva-te!
Salva os teus filhos, Dona Inês!

INÊS, *chorando*

Coitada!

Só, triste, perseguida! – Ah, meu senhor,
Onde estás que não vens?

*Às donzelas, quando as trombetas começam a ouvir-se,
fora:*

El-Rei me busca?

1.ª DONZELA

El-Rei.

INÊS

Que mal fiz eu? Porque me mata?

1.ª DONZELA

Por ti vem perguntando. Sobe aos Paços.
Busca teus peitos, p'ra com duros ferros
Te serem cruelmente traspassados!

AMA

Cumpriram-se os teus sonhos!

INÊS

Ama, fuge!
Foge desta ira grande, que nos busca!
Eu fico. Fico só, – mas inocente.

As trombetas soam, mais perto.

Rei cruel, aqui me tens!

Abraçando-se aos filhos:

Vós, meus filhinhos,
Vivereis cá por mim, – meus filhos queridos,
Pedacos da minha alma, que eu cá deixo!
Deus de piedade, salva-me, Senhor!
Moças de Coimbra, povo que chorais
Esta inocência minha, socorrei-me!
Que mal fiz eu, para morrer tão cedo?
Meus filhos, não choreis! E vós, amigas,
Cercai-me em roda todas, defendei-me,
Amparai-me, salvai-me desta morte!

Todas as donzelas rodeiam INÊS, que estreita os filhos ao peito. A AMA prostra-se, de joelhos, junto do oratório de Flandres. – O sol esplende. – Música de cena.

1.ª DONZELA

Cruel morte, que vens
 Buscar esta inocente,
 Há piedade e mágoa
 De seus formosos olhos,
 De seu formoso rosto!
 Não desates um laço
 Tão firme, com que dois
 Corações ajuntou
 Amor tão estreitamente.

Aquela alva garganta
 De cristal e de prata,
 Que sustem a cabeça
 Tão alva e tão doirada,

Porque cortar a queres
Com golpe tão cruel?
Há piedade e mágoa
De tanta formosura,
Daquele triste Infante
E destes filhos seus.
Detêm-te, enquanto chega!
Detêm-te, enquanto tarda!
Corre, ó Infante, corre,
Socorre o teu amor!

CENA IV

OS MESMOS, o REI, PACHECO, GONÇALVES, COELHO,
HOMENS DE ARMAS

Afonso IV, os conselheiros, os homens de armas entram de tropel na câmara de INÊS. Vê-se, entre eles, a murça vermelha do carrasco.

PACHECO, *baixo, ao REI*

A piedade, senhor, será crueza.
Cerra os olhos a lágrimas. Sê justo.

REI, *olhando INÊS, que caminha para ele*

Esta é, que a mim vem. Ó rosto digno
De mais ditosa sorte!

INÊS, *conduzindo os filhos aos pés de AFONSO IV*

Filhos tristes,
Vedes aqui o pai de vosso pai!
Eis aqui vosso avô, nosso senhor.
Beijai-lhe a mão, pedi-lhe piedade
De vossa pobre mãe!

REI, *olhando-a, comovido*

Quem pode vê-la,
Que não chore, e se abrande?

INÊS

Meu senhor!

Esta é a mãe de teus netos. Estes são
Filhos daquele filho que tanto amas!
Esta é aquela coitada mulher fraca
Contra quem vens armado de crueza.
Quiseste-te informar de minhas culpas
Por ti mesmo, senhor. Eu to agradeço.
Aqui me tens. Bastava teu mandado,
Para eu, segura e livre, te esperar,
Em ti, em minha inocência confiada.
Escusaras, senhor, todo este estrondo
De armas e cavaleiros; que não foge,
Nem se teme a inocência da justiça.
Que fúria, que ira esta é, com que me buscas?
Mais contra inimigos vens, que cruelmente
Andassem tuas terras destruindo
A ferro e fogo. Eu tremo, senhor, tremo
De me achar ante ti, como me vejo.
Mulher, moça, inocente, serva tua,
Eu não tenho ninguém que me defenda,
Senhor! Só estes filhos da minha alma!
Que eles falem por mim, que eles supliquem
A piedade dum rei, que é seu avô!
Não com as bocas, senhor, que ainda são
Pequenos, mas com os olhos, mas com a alma,
Com os seus corpinhos tenros, com o seu sangue,
Que é o teu sangue real, – que não os deixes
Sem mãe, que não os lances na orfandade,
Que me deixes viver, viver, viver!

REI, a INÊS, *que se prostra a beijar-lhe os pés, soluçando*

Tristes foram teus fados, Dona Inês;
Triste ventura a tua. – Roga a Deus
Por tua alma.

INÊS

Senhor, porque me matas?

COELHO, *baixo, ao REI, que vacila*

Então, senhor!

REI, *a INÊS*

Matam-te os teus pecados!

INÊS

Pecados contra Deus, não contra ti,
Meu rei e meu senhor! E Deus é justo,
Deus é benigno, Deus é bom, perdoa
A quem sofre por ter amado muito!

Vendo que o REI, comovido, afasta os olhos dela:

Ouve-me, meu senhor. Por que não me ouves?
Por que não me olhas tu, meu senhor rei?

PACHECO, *baixo, a AFONSO IV*

Senhor, é tempo já!

REI, *à parte, dolorosamente*

Deus poderoso,
Para que deste coração aos reis?

PACHECO, *intervindo, vibrante*

Contra ti, Dona Inês, sentença é dada.
O reino inteiro pede a tua morte!
Pouco é o tempo de vida que te resta.

Apontando-lhe o oratório:

Roga a Deus por tua alma!

INÊS, *soltando-se de COELHO e GONÇALVES, que a agarram pelas roupas, e atirando-se, de novo, aos pés do REI*

Não! Senhor!
Meu rei, meu pai, ouve-me tu primeiro!
Antes de me matares, rei, – escuta-me!
Que crime é o meu? Dize? Que culpa é a minha?
Matas-me, acaso, porque amei teu filho?
Se os olhos de teu filho se enganaram
Com o que viram em mim, que culpa tenho?
Paguei-lhe o seu amor com outro amor.
Não soube defender-me. Dei-me toda.
Não a inimigos teus, não a traidores,
Mas a teu filho, príncipe deste reino!
Não cuidava, senhor, que te ofendia.
Defenderas-mo tu, e obedecera,
E fugira da corte, para sempre.
Senhor, senhor, porque me matas tu?

Se eu sou a vida do teu filho, rei,
Porque o matas a ele? – E estas crianças!
Estes filhos, que são o teu retrato,
Senhor! Que não conhecem outros mimos,
Nem outros peitos senão estes! – Filhos!
Chorai, pedi justiça aos altos céus,
Pedi misericórdia a vosso avô
Contra vós tão cruel, meus inocentes!
Ficareis cá sem mim, sem vosso pai,
Que não poderá ver-vos, sem me ver!
Abraçai-me, meus filhos, despedi-vos
Dos peitos que vos deram de mamar,
Destes braços de mãe, que vos enlaçam,
E que vão já deixar-vos, para sempre!
Que achará vosso pai, quando vier?
Achar-vos-á tão sós, sem vossa mãe!
Não verá quem buscava, verá cheias
As casas e as paredes do meu sangue,
Ver-me-á morta, inteiriçada e fria...

*Num grito, abraçando-se convulsivamente aos joelhos
do REI:*

Oh! Não, senhor! Senhor, eu tenho medo!
Ampara-me, socorre-me, perdoa-me,
Tem piedade de mim!

REI, erguendo-a, num grande gesto de piedade

Ó mulher forte!
Venceste-me. Abrandaste-me. Eu te deixo.
Vive, enquanto Deus quer!

INÊS, *beijando-lhe as mãos*

Senhor!

PACHECO, *num protesto surdo*

Senhor!

AMA, levando as crianças, enquanto INÊS, a atirar beijos ao REI, chorando e rindo, se recolhe à alcova

Vive tu, pois perdoas, rei piedoso!

PACHECO, vendo o REI despedir num gesto o carrasco, que sai

Oh! Senhor, que nos perdes! Tua fraqueza
É indigna de ti, do teu real peito
Vence-te uma mulher, – e queres ter força
Para vencer teu filho!

COELHO, *ao REI*

A que vieste?
Para que nos armámos, afinal,
Senhor, se duas lágrimas te abrandam?

GONÇALVES, *sombrio, torvo, ao REI*

Já uma mulher pode mais do que o reino!

PACHECO, quando se começam a ouvir os clamores do povo, fora

Ouve, escuta, senhor. O povo ruge!

REI

Ruja embora, – não mato uma inocente!

GONÇALVES

Tu és rei!

REI, assentando-se num escano, abatido

Mas sou homem. Chora-me a alma!

*PACHECO, enquanto o rumor aumenta, e o REI, perplexo, esconde a cabeça nas
mãos*

Pelo teu estado real te suplicamos!
Pelo amor do teu povo! P'lo teu reino!
Por mais vida e mais honra de teu filho,
Príncipe nosso! Por aquele seu
Fernando, único herdeiro, cuja vida
Te está pedindo justamente a morte
Desta mulher! Enfim, por honra tua,
Senhor, senhor, – consente que se cumpra
A sentença de morte que firmaste!
É a vida do reino e de nós todos!
Se esta mulher não morre, senhor rei,
Vacila-te a coroa na cabeça!

COELHO, apontando a janela

Ouve o povo, senhor!

REI, *erguendo-se*

Basta! Deixai-me!
Eu não mando, nem vedo. Deus o julgue.
Vós outros o fazei, se vos parece
Justiça condenar quem não tem culpa!

PACHECO, *arrancando a espada*

Essa licença basta. – Á morte!

COELHO, *arrancando a misericórdia que tem ao pescoço, e correndo,
com PACHECO e GONÇALVES, para a recâmara*

Á morte!

*As donzelas querem precipitar-se para a alcova de INÊS; os
homens de armas detêm-nas. Ouvem-se gritos.*

1.ª DONZELA, *debatendo-se entre os braços de homens que a agarram, e
atirando-se aos pés do REI*

Senhor, misericórdia! Ó nunca visto
Mais inocente sangue! Como sofres,
Ó rei, tal injustiça! Ouves os brados
Duma pobre mulher, e não a salvas!
Ouves o choro dos filhinhos, rei,
E não corres...

*Ensanguentada, ferida de morte, INÊS surge à porta da
alcova; críspa as mãos na*

tapeçaria; grita, mas a voz estrangula-se-lhe na garganta; cai morta em cena.

Horror!

PACHECO, para o povo, à janela do F., brandindo a espada tinta de sangue

Justiça é feita,
Por mandado d'el-Rei nosso senhor!

REI, enquanto o povo aclama, e os sinos dobram

Não poder eu dar-lhe vida outra vez!

Cai o pano

QUARTO ATO

ATO IV

Uma estalagem beiroa onde o Infante, guloso e “viandeiro” como diz Fernão Lopes, descansa das suas montarias. Acompanham D. Pedro, abancados com ele, alguns dos seus monteiros e homens-de-armas. Servem-nos mulheres. – Dia claro.

CENA I

INFANTE, os monteiros

INFANTE, depois de ter esvaziado uma escudela de caldo, aos monteiros, que o cercam

Outro céu, outro sol me parece este
Diferente daquele que lá deixo
Donde parti, mais claro e mais formoso.
Onde não resplandecem os dois claros
Olhos da minha luz, é tudo escuro.

Comendo, sofregamente, pão e mel:

Aquele é só meu sol, a minha estrela,
Mais clara, mais formosa, mais luzente
Que Vénus, quando mais clara se mostra.
Daqueles olhos se alumia a terra
Em que sombra não há, nem nuvem escura.

Tudo ali é tão claro, que até a noite
Me parece mais dia que este dia.

A uma mulher, que lhe enche de vinho a copa:

Mercês.

Bebendo, aos monteiros, que bebem também:

Ali, a terra reverdece
Doutras flores mais frescas e melhores.
O céu se ri e doira, diferente
Do que neste horizonte se me mostra.
Doutros ares respira ali a gente,
Que fazem imortais os que lá vivem.

Levantando-se, e caminhando para o F.:

Inês, Inês, ó meu amor constante!
Quem me tirar de ti, tira-me a vida.
Minh'alma, lá ma tens; eu tenho a tua.
Em morrendo um de nós, morremos ambos.

*Descendo até a um banco de castanho, na E. baixa,
onde tem a espada, e armando-se:*

Mas quem fala em morrer, amigos? Não!
Muitos anos e muitos viveremos
Sempre os dois neste amor tão doce e puro.
Rainha te verei deste meu reino,
Inês! Doutra coroa coroadada,
Diferente de quantos diademas,
Desde que o mundo é mundo, e o dia é dia,

Brilharam numa frente de mulher!

CENA II

OS MESMOS, UMA MULHER, o MENSAGEIRO

UMA MULHER, *entrando, ao* INFANTE

Senhor, um mensageiro vem da corte,
Que vos pede audiência.

INFANTE, *assentando-se, já armado*

Pois que venha.

Aos amigos, quando a mulher sai:

Novas d'e!-Rei meu pai? Escutaremos.

*Vendo entrar o MENSAGEIRO, coberto de pó, a
expressão transfigurada:*

És tu? – Fala, homem.

MENSAGEIRO

Triste mensageiro
Tens ante ti, senhor.

INFANTE

Que novas trazes?

MENSAGEIRO

Novas cruéis. Cruel sou contra ti,
Pois me atrevi trazê-las. A maior
Desventura é de toda a terra!

INFANTE

Tens-me suspenso. Fala. Estou escutando.

Instante de hesitação do mensageiro.

Dize! Seja o que for!

MENSAGEIRO

Senhor Infante,
É morta Dona Inês, que tanto amavas.

*INFANTE, erguendo-se, de repelão, como uma fera, sacudindo o mensageiro,
crispando-lhe as mãos nas roupas, arrepelando-o, encarando-o, fixando-o:*

Deus! – Inferno! – Ah, Inês! Inês! Inês!
Olha bem para mim: Inês é morta?

MENSAGEIRO, *sucumbido*

De morte tão cruel, que é nova mágoa
Contar-ta. Não me atrevo.

INFANTE, *sacudindo-o*

É morta?

MENSAGEIRO

Sim.

INFANTE

Quem ma matou?

MENSAGEIRO

Teu pai, com gente armada,
Foi hoje salteá-la. A inocente,
Que tão segura estava, não fugiu.
Não lhe valeu o amor com que te amava,
Nem teus filhos, com quem se defendia,
Nem aquela inocência e piedade
Com que pediu perdão, lançada aos pés
D'el-Rei teu pai, que tanto se apiedou
Que lho deu já, chorando. Os seus ministros
Arrancando as espadas – dura afronta! –
Traspassaram-lhe os peitos cruelmente,
E abraçada com os filhos a mataram,
Que inda ficaram tintos do seu sangue.

INFANTE, correndo pela casa, como louco

Que direi? Que farei? Que clamarei?
Ó fortuna! Ó crueza! Ó mal tamanho!
Ó minha Dona Inês, ó alma minha,
Morta me és tu? Morte houve, tão ousada,
Que contra ti pudesse? Eu ouço-o, – e vivo!

Eu vivo, minha Inês, e tu és morta!
Coração, coração, porque não estalas?
Porque não se abre a terra, e não me sorve
Num momento? P'ra quê? P'ra que vivo eu?

Caindo a soluçar sobre o banco:

Ó minha Inês! Ó alma da minh'alma!
Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
Minha esp'rança, minha única alegria!
Mataram-te! Mataram-te! Tua alma
Inocente, formosa, humilde, santa,
Deixou já seu lugar p'ra todo o sempre!
Encheram-se as espadas do teu sangue!
Ó leões bravos, ó tigres, ó serpentes!
Porque não vos volvestes para mim?
Mil vidas que eu tivera, vo-las dava
Por um cabelo só da minha Inês!
E o céu não cai, e não tremeu a terra!

Chora, convulsivamente.

MENSAGEIRO

Senhor, para chorar é sempre tempo.
As lágrimas que fazem contra a morte?
Vai ver aquele corpo. Vai prestar-lhe
As honras que lhe deves.

INFANTE

Tristes honras!

Erguendo-se:

Outras honras, senhora, te guardava;
Outras se te deviam. Ó tristeza!
Como poderei ver aqueles olhos
Cerrados para sempre? Como, aqueles
Cabelos já não de oiro, mas de sangue?
Aqueles mãos tão frias e tão negras.
Que antes via tão alvas e formosas?
Aqueles brancos peitos traspassados
De golpes tão cruéis? Aquele corpo,
Que tantas vezes tive nos meus braços,
Vivo e formoso, – como, morto agora,
E frio, o posso ver? Ó meu amor!
Tu já não me ouves! Não te vejo mais!
Já te não posso achar em toda a terra!
Chorem comigo as pedras duras; mudem-se
Em sangue vivo as águas do Mondego;
As árvores se sequeem, e as flores!
Eu te matei, senhora, eu te matei!
Ah! Mas será terrível a vingança!
Rei cruel, rei três vezes inimigo,
Eu te renego de meu pai! Mataste-a:
Vais pagar-me o seu sangue, gota a gota!

Arrancando a espada:

Que o fogo lavre e arrase a tua terra;
Que o sangue corra; que a vingança ruja;
Que, por onde eu passar, só haja morte
E ruínas; que o próprio Deus se espante
De mim! – Amigos, já não tenho pai!

*Saindo pelo F., com os homens-de-armas e monteiros,
espada em punho:*

Inês! Inês! Ó alma da minha alma!
Vou fazer-te rainha, – finalmente!

*O coro, fora, canta lamentosamente a morte de Inês. –
O pano cai.*

FIM